



GRUPOS PEQUENOS NA TRADIÇÃO METODISTA: DESENVOLVIMENTOS HISTÓRICOS, ANÁLISES E PROPOSTAS CONTEMPORÂNEAS PARA BRASIL¹

“

SMALL GROUPS IN THE METHODIST TRADITION: HISTORICAL DEVELOPMENTS, ANALYSES, AND CONTEMPORARY PROPOSALS FOR BRAZIL

Helmut Renders²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2366-5801>

Resumo

Este artigo analisa a tradição metodista dos “pequenos grupos” como elemento estruturante da eclesiologia e da prática da fé. Partindo da experiência inglesa com *societies*, *classes* e *bands*, observa-se que tais grupos funcionavam como espaços de troca de experiências espirituais, disciplina comunitária e crescimento mútuo. Nos Estados Unidos, o metodismo episcopal manteve as classes por mais tempo, mas gradualmente substituiu-as pela Escola Dominical, que trouxe uma ênfase mais letrada e catequética, deslocando o foco da ortopraxia para a ortodoxia. No Brasil, o metodismo chegou em meio ao auge da Escola Dominical, que se consolidou como principal instrumento de educação cristã, enquanto as federações fortaleceram a participação laica. O estudo destaca ainda propostas contemporâneas de discipulado, que variam entre enfoques catequéticos, evangelísticos, pastorais e comunitários, como os grupos de *koinonia* e de responsabilidade mútua. Conclui-se que os pequenos grupos permanecem centrais na tradição metodista, ainda que em constante transformação, refletindo tensões entre vertentes religiosas que promovem a ortodoxia, a ortopraxia ou a santificação.

Palavras-chave: teologia wesleyana; Igreja Metodista; Grupos pequenos; Discipulado; Grupos de responsabilidade mútua.

Abstract

This article examines the Methodist tradition of “small groups” as a foundational element of ecclesiology and faith practice. Beginning with the English experience of societies, classes, and bands, these groups are shown to have functioned as spaces for spiritual

¹ A primeira versão deste artigo foi publicada originalmente na revista *Caminhando*, da Faculdade de Teologia da UMESp, em São Bernardo do Campo, SP, no ano de 2003. Como essa revista foi posteriormente desativada e não está mais disponível on-line, o texto foi reeditado, revisado e levemente atualizado para ser publicado na revista *KWIIYA*, garantindo novamente o livre acesso ao conteúdo.

² Helmut.renders@gmail.com. 2003 a 2023: professor da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista e do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Doutor em Ciências da Religião pela Umesp. Estágio de pós-doutoramento em Ciências da Religião pela UFJF, Juiz de Fora, MG e em História de Arte pela UNIFESP, São Paulo.

exchange, communal discipline, and mutual growth. In the United States, Episcopal Methodism preserved the classes longer but gradually replaced them with Sunday School, shifting emphasis from praxis to orthodoxy. In Brazil, Methodism arrived during the height of Sunday School, which became the central instrument of Christian education, while federations strengthened lay participation. The study also highlights contemporary discipleship initiatives, ranging from catechetical and evangelistic approaches to pastoral and communal models, such as koinonia groups and mutual accountability groups. The conclusion affirms that small groups remain central to Methodist tradition, though continually transformed, reflecting tensions among religious currents that emphasize orthodoxy, praxis, or sanctification.

Keywords: Wesleyan theology; ; Methodist Church; Small groups; Discipleship; Mutual accountability groups.

Introdução

Segundo uma ilustração usada por João Wesley, o caminho da salvação seria parecido com uma casa. Pode ser dito, também, que o caminho da salvação foi substancial para formar a eclesiologia do movimento metodista. As “sociedades” representavam, em primeiro lugar, um espaço adequado para despertar e amadurecer, testemunhar e vivenciar a fé. Assim, a soteriologia definiu a eclesiologia. Na sua contínua atualização avaliou-se também, as propostas de terceiros, como, por exemplo, o caso das *classes*³, da *Escola Dominical* e do *Credo Social*⁴. As seguidas incorporações não foram meras cópias. A integração aconteceu cuidadosamente e as novidades sofreram modificações.⁵ Segundo essa convicção, a Igreja Metodista no Brasil implantou o *Plano para a Vida e a Missão da Igreja (PVMI)*,⁶ adaptou o programa *Dons e Ministérios* e discute agora a acolhida de *grupos de discipulado*.⁷

Na primeira fase da elaboração de uma proposta para grupos de discipulado os/as autores/as partem, geralmente, da Bíblia⁸ e fazem referências aos irmãos Carlos e João Wesley.⁹ Nestas primeiras publicações ainda não se reflete a característica do discipulado

³ Quando escrito em itálico, se refere aos grupos metodistas.

⁴ No caso do *Credo Social* trate da acolhida dos valores do Evangelho Social.

⁵ Os critérios nunca fogem de uma certa ambiguidade contextual. Racismo etnocentrismo, nacionalismo, machismo e sexismo procuram se expressar na igreja da mesma forma como a fraternidade, o ecumenismo, a busca do bem estar do outro etc.

⁶ O PVMI representa elementos do Evangelismo e do Evangelho Social, da Teologia da Libertação e do movimento ecumênico.

⁷ Segundo Wesley e o metodismo episcopal, nem Jesus nem os apóstolos tinham deixado uma planta pronta para erguer a igreja. Conforme a sua concepção, a construção deveria atender à necessidade missionária.

⁸ Surpreendentemente nenhum dos estudos bíblicos menciona, Hebreus 10, 23-25b que representava, para João Wesley, o texto clássico sobre o assunto.

⁹ O texto mais amplo a respeito é LEITE, Nelson Luiz Campos, *O Metodismo e os Grupos de Discipulado*, s.d.. O estudo reflete a proposta original do metodismo inglês, sem distinguir *classes*, *bands* e *bands selecionadas*. Ele menciona as pesquisas do inglês David Low Watson “Discípulos Responsáveis” (Watson, 1984.) Não se encontra uma referência à proposta atualizada de Watson (1989).

em relação às outras propostas de catequese, de treinamento ou de educação cristã já existentes na Igreja Metodista.¹⁰ Bispo Nelson Luiz Campos Leite chamou a atenção a esse fato quando comparou as propostas de grupos de discipulado com a Escola Dominical. “A ESCOLA DOMINICAL e o DISCIPULADO tornam-se agentes da Educação Cristã. Pode ser que nos pareça que a ESCOLA DOMINICAL e DISCIPULADO tenham o mesmo chão.” (Leite, 2001, p. 6). Mesmo assim, parece que a diferenciação ainda não seja plenamente satisfatória para o autor: “O que poderíamos considerar peculiar e diferenciável? Essa parece ser a nossa tarefa em nossa oficina e estudos.” (Leite, 2001, p. 10). Eu não conheço os resultados dessas oficinas, mas gostaria de contribuir com mais uma perspectiva as experiências do Metodismo Episcopal nos E.U.A. Meu interesse específico está nas transformações estruturais da capacitação e educação cristã (*classes*, Escola Dominical e federações) em suas transições da Inglaterra para os E.U.A. e dos E.U.A. para o Brasil.

Esses aspetos não são meramente de interesse histórico eles são formadores da arquitetura eclesiológica da Igreja Metodista no Brasil. Pretendo, assim, analisar a proposta de grupos de discipulado em relação ao processo de ingresso, de permanência e de capacitação na Igreja Metodista e em relação às metamorfoses da eclesiologia soteriológica do metodismo no decorrer do tempo. Em seguida, desenvolvo o tema da seguinte maneira: no capítulo um, destaco o desenvolvimento na Inglaterra, nos E.U.A. e no Brasil (com restrição a Igreja Metodista Episcopal e Igreja Metodista Episcopal, Sul e as suas missões); no segundo capítulo, faço uma análise desse processo diante da proposta inicial e da demanda atual; e no terceiro capítulo, faço propostas à procura da sua fidelidade à vocação missionária contemporânea, sobre a consideração da experiência na herança metodista.

1. Uma breve retrospectiva histórica

As referências às “sociedades e classes” metodistas nos tempos dos irmãos Wesley servem, nas publicações atuais, muitas vezes como justificativa para interpretar grupos de discipulado contemporâneos no sentido de grupos para o treinamento de convertidos (cf. Lazier, 1999, pp. 15-16; Igreja Metodista, 2001, p. 13). Estudamos esses pressupostos em seguida.

1.1. Na Inglaterra

As sociedades, classes e bands no metodismo wesleyano

Destacam-se, inicialmente, três elementos básicos: a *sociedade*, as *classes* e as *bands*.

Uma *sociedade* representava o total dos/as membros metodistas num certo local. O equivalente, hoje, seria uma igreja local, comunidade, ou um ponto de pregação.¹¹ Todas as

¹⁰ É interessante que a carta episcopal sobre o discipulado não menciona a prática metodista em nenhuma parte. É um estudo bíblico que vem de Jesus direto a nós. Colégio episcopal, 2002).

¹¹ Assim, Wesley fala — no Sermão 49 III.1 — paralelamente: “[...] the Church, (if you would so term it), the congregation or society united together in London.”

peessoas que mostrassem interesse em filiar-se a uma sociedade metodista tinham que entrar numa *classe* (cf. Heitzenrater, 1996, pp. 1996,118-119, 122-24, 176, 202, 321 e Watson, 1992). A *dinâmica desses grupos* era marcada pela troca de experiências a partir de perguntas frequentemente repetidas¹², desde 1744, inclusive nas Regras Gerais (Wesley, 1744). A *classe* examinava-se a partir dessas perguntas e motivou-se, frequentemente e de forma mútua,¹³ a obedecer às Regras Gerais que forem lidas, no mínimo uma vez por ano, diante de toda sociedade. Os/as *integrantes* das *classes* tinham experiências espirituais diferentes. Nelas encontravam-se pessoas *na busca da fé* e pessoas com *a certeza da fé*. A partir das perguntas, todas elas trocavam as suas experiências pessoais,¹⁴ inclusive o(a) líder da classe. Temos então aqui um *processo mútuo*, em que um(a) líder cuidava, em primeiro lugar, do processo mútuo. Além disso, compartilhava também a sua experiência pessoal, com os seus altos e baixos. Assim, falavam todos/as das suas derrotas como das suas vitórias, na busca de crescimento pessoal. A organização das *classes* seguiu uma lógica *geográfica* para atender aos problemas de locomoção. As *bands* (cf. Heitzenrater, 1996, pp. 85, 86,98, 104-154, 117-119, 250). foram constituídas meramente por *peessoas que tinham a certeza da fé*. Importante, porém, é que a dinâmica nos grupos não mudou. Houve novamente uma lista de perguntas que serviu para o auto-exame e o exame mútuo. A participação era *voluntária*, mas, de um integrante se esperava uma radical abertura para a avaliação mútua.

Tens a remissão de teus pecados? Possuis paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo? Tens o testemunho do Espírito de Deus em conjunto com o teu espírito, de que és filho de Deus? Está o amor de Deus derramado em teu coração? Nenhum pecado, interior ou exterior, exerce domínio sobre ti? Desejas ser advertido acerca de tuas faltas? Desejas ser advertido de todas as tuas faltas, de modo claro e direto? Desejas que cada um de nós te diga, de tempos em tempos, tudo o que lhe vai ao coração a teu respeito? Considera: desejas que te digamos tudo o que pensamos, tudo o que tememos, tudo o que ouvimos, concernente a ti? Desejas que, ao fazê-lo, nos aproximemos o máximo possível, indo até o fundo, cortando até a raiz, e sondando teu coração em sua totalidade? É teu desejo e propósito ser, nesta e em todas as demais ocasiões, inteiramente aberto, de modo a falar tudo o que há em teu coração, sem exceção, sem disfarce e sem reserva?¹⁵

¹² “1. What known sins have you committed since our last meeting? 2. What temptations have you met with? 3. How were you delivered? 4. What have you thought, said, or done, of which you doubt whether it be sin or not?” Veja também as narrativas de encontros em Watson (1992, p. 95ss).

¹³ O nome *classe* destaca o coletivo e não o líder. A expressão de João Wesley, “*Não haver religião cristã, se não for social, não haver santidade, se não for uma santidade social*”, interpeta dois lados dessa comunidade: a sua contribuição para o amadurecimento pessoal e para a atividade social que ultrapassa interesses individuais. O fato, de que os primeiros líderes de sindicatos rurais, na Inglaterra, surgiram de classes metodistas, mostra a ligação direta entre a *religião social* e a *santidade social*.

¹⁴ Assim, encontra-se no metodismo alemão paralelamente com o termo “classe” o nome “hora de experiência”, “*Erfahrungsstunde*”. Essa caracterização, identifica bem o papel desse encontro. Anota-se a contextualização a partir de um típico termo do pietismo alemão.

¹⁵ “Some of the questions proposed to every one before he is admitted among us may be to this effect: — 1. Have you the forgiveness of your sins? 2. Have you peace with God, through our Lord Jesus Christ? 3.

No tempo de Wesley havia mais uma especificidade, por meio das *bandas selectas* ou *selected bands* (Heitzenrater, 1996, p. 118). Nelas se encontravam pessoas em busca da *perfeição cristã*. Ao redor de 1780, entretanto, tanto as *bands* como as *selected bands* quase não mais existiam.

Membresia

Uma pessoa interessada em ingressar numa *classe*, e, mediante isso, numa sociedade, tinha um prazo inicial de três meses para conhecer a dinâmica do grupo e avaliar a suas exigências. Depois, a renovação de *tickets* significava a continuação, tanto na *classe* como na sociedade. Assim, *a membresia era sempre probatória*. Nota-se que o critério não era a fé ou a certeza da fé, mas a prática e a observação das Regras Gerais. Assim, tanto anglicanos(as) quanto integrantes de outras igrejas poderiam participar numa sociedade. Observa-se que a rejeição da continuação na sociedade não significava a exclusão da igreja cristã, por que a pessoa pertencia à Igreja Anglicana – ou um outro grupo - e participava no movimento metodista.

1.2. Nos E.U.A.

Diferentemente da Inglaterra, o metodismo americano estabeleceu-se a partir de 1789 como Igreja própria. As *igrejas locais*, *classes* e *bands* no *metodismo episcopal* – Mesmo assim, nos Cânones substituiu-se “sociedade” por “igreja” somente a partir de 1816. Isso indica um processo de transitório de conceitos e práticas. Esse processo demorou ainda mais em relação às *bands*. Regras para as *band societies* encontram-se nos Cânones até 1856. Mas o artigo que garantia a festa do amor somente para os integrantes das *bands* se perdeu já em 1787. Na edição dos Cânones de 1798 menciona-se, ainda, *bands selectos* descritas numa forma bem clássica. Observa-se que se trata de um comentário, não de um parágrafo dos Cânones.¹⁶ Ser metodista significou, assim, também no metodismo episcopal nos E.U.A., participar num pequeno grupo. Dos três tipos de grupo do metodismo inglês, somente as *classes* se mantiveram a longo prazo.¹⁷ O

Have you the witness of God's Spirit with your spirit, that you are a child of God? 4. Is the love of God shed abroad in your heart? 5. Has no sin, inward or outward, dominion over you? 6. Do you desire to be told of your faults? 7. Do you desire to be told of all your faults, and that plain and home? 8. Do you desire that every one of us should tell you, from time to time, whatsoever is in his heart concerning you? 9. Consider! Do you desire we should tell you whatsoever we think, whatsoever we fear, whatsoever we hear, concerning you? 10. Do you desire that, in doing this, we should come as close as possible, that we should cut to the quick, and search your heart to the bottom? 11. Is it your desire and design to be on this, and all other occasions, entirely open, so as to speak everything that is in your heart without exception, without disguise, and without reserve?”

¹⁶ Thomas Coke e Francis Asbury (1798): “(...) selected societies (...) composed of believers who enjoy the perfect love of God, or who are earnestly seeking that great blessing”.

¹⁷ Veja por exemplo, os Cânones de 1784: “How shall we prevent improper Persons from insinuating into the Society? A.1. Give Tickets to none till they recommended by a Leader, with whom they have met at least two Months on Trial. A.2. Give Notes to none but those who are recommended by one you know, or

desligamento da membresia eclesiástica de participar na classe, a partir de 1852, indica como o encontro na classe perdeu para o encontro no culto. Entretanto, tratou-se de um processo lento.¹⁸

A Escola Dominical

A idéia de Escolas Dominicais não veio do meio metodista, mas, os/as metodistas dos E.U.A foram, muitas vezes, os/as seus/suas pioneiros/as (Cf. Maya, 2001; Mattos, 2000). Inicialmente, as Escolas Dominicais ensinaram crianças a ler e escrever, enquanto os/as adultos/as encontravam-se em suas *classes*. Com o surgimento de mais escolas públicas e com a criação da União da Escola Dominical em 1827, a escola dominical começou a dedicar-se mais à educação religiosa para todas as idades. A sua subdivisão em classes de 10 a 15 pessoas respira ainda o antigo sistema de *classes*. O progresso da educação pública alimentava paralelamente o crescente interesse no *entendimento da fé*. Logo no início surgiram as Revistas da Escola Dominical, com distintas versões para alunos/as e professores/as. Também se criou no *Advogado Cristão* uma coluna constante com as lições da Escola Dominical. Assim transportou-se a novidade para todo o país.¹⁹ Da crescente implantação da Escola Dominical seguia a instituição dos *exames públicos dos/as alunos(as)*. Os exames avaliaram o conhecimento básico da fé cristã, na espera de conversão. Logo em seguida era a condição da chamada confirmação.²⁰

As Federações

As federações foram criadas no final do século XIX para atender à crescente demanda do laicato de auto-organização e participação e a percepção de necessidades específicas de gênero e de idade. O seu organismo a nível local chama-se “sociedade”. É um velho conhecido que sinaliza algo maior ou mais complexo do que um mero grupo. E, realmente, desenvolvem essas sociedades diversas atividades, inclusive de edificação, educação cristã, ação missionária, evangelismo, diaconia, fraternidade ou irmandade. Todas as federações acompanharam os seus integrantes para despertar e nutrir a fé e treinaram-nos para desenvolver a missão. Para isso, criaram também publicações específicas, considerando gênero e idade.

till they have met three or four times in a Class. A.3. Give them the Rules the first time you met. See that this never be neglected.” Wesley, 1872 [vol. 8], p. 307).

¹⁸ Our church holds class meetings as obligatory, and requires of her member an attendance upon them as a term o membership. [...] Attendance upon class does, therefore, with us constitute a term of Church membership. [...]” (Miley, 1851, pp. 63-66;72-73; 221-222).

¹⁹ Interessante, para brasileiros (as): Depois de 1844, foi Daniel Kidder Perish na Igreja Metodista Episcopal o grande *spiritus rector* do movimento. Ele deixou três *catecismos* e 800 livros editados (Cf. Rocha, 1974, pp 1331-1332).

²⁰ Nesta época até se criou uma arquitetura para integrar classes da escola dominical ao redor da igreja, sendo assim separadas e ao mesmo tempo continuações da nave da igreja. Veja Kenneth E Row (1997, pp. 117-134).

Da Membresia

O prazo probatório inicial de três meses no metodismo inglês, transformou-se numa membresia probatória de inicialmente dois (1784), depois de seis meses (1789). A liturgia para a recepção de candidatos (as) na membresia probatória, que somente apareceu em 1905 (!), não exigia uma profissão da fé (destacando ou a confiança em Deus ou a convicção sobre a doutrina cristã). Bastava expressar a vontade de ser salvo e a disponibilidade de seguir as *Regras Gerais*.²¹ A distinção entre membresia probatória e membresia plena aparece ainda claramente num texto de 1883²². A Igreja Metodista Episcopal com a introdução da confirmação, abandonou a idéia da membresia probatória para pessoas batizadas na infância e depois de 1919, plenamente. A Igreja Metodista Episcopal, Sul, abandonou a idéia da membresia probatória antes da Guerra Civil.

Aspetos litúrgicos

Para os E.U.A. Wesley propôs uma ordem do culto do domingo na tradição anglicana. Mesmo assim, os Cânones mostram que, antes de 1866, a ordem era relativamente livre²³ e, hoje, provavelmente, consideraríamos os cultos norte-americanos, entre 1789 e 1850, como “bastante avivados”.²⁴

“A recepção na membresia” segue este desenvolvimento. Primeiro, ela ganha nos Cânones um artigo próprio, e perde seu vínculo com a classe.²⁵ O ingresso continuou sendo “fácil”. Os pré-requisitos do tempo de Wesley continuam mesmo para ingressar numa igreja formada. Para manter a abertura inicial, se desenvolveu a distinção entre membresia probatória e membresia plena.

Inicialmente – talvez até ao redor de 1820 – acontecia a recepção durante uma festa do amor, normalmente celebrada por ocasião da conferência do circuito. Mais tarde, a recepção passou para o culto de pregação. Uma recepção como momento especial esta

²¹ *Reception of Members form I: Pergunta:* Have you an earnest desire to be saved from your sins? *Resposta:* I have; *Pergunta:* Will you guard yourselves against all things contrary to the teaching of God's word, and endeavor to lead a holy life, following the commandments of God?; *Resposta:* I will endeavor do so; *Pergunta:* Are you purposed to give reverent attendance upon the appointed means of grace in the ministry of the word, and the private and public worship of God?; *Resposta:* I am so determined, with the help of God. (Methodist Episcopal Church & Methodist Episcopal Church, South, 1905, p. 88-89.

²² “Who are admitted into the Methodist Church? Adults who have been converted. [...]. The Methodist Church, besides opening the doors to adult converts, takes in also penitent seekers. The condition for the admission of such person is: [...] a willingness to be saved. This willingness to be saved implies also readiness to be all and to do all that the gospel requires of those who became partakers of salvation. - a willingness to accept salvation from sin. [...] Let it be understood once for all that we do not open our churches to sinners [...] nor merely to well wishes of religion, nor to men who are moralists, but to penitent seekers of religion. We ask them to come in, no matter how infirm they may be and no matter how small their religious experience may be. Babies in Christ, they need nourishing [...]” (Hudson, 1888, pp. 199, 202-203, 207). The Methodist Armor, p. 199; 202-203. 207.”

²³ Os Cânones mencionam até 1866, como elementos, somente cantar, orar, ler um capítulo do AT um do NT e pregar.

²⁴ Claro que os cultos da costa leste, com a forte influência os presbiterianos, eram sempre mais formais do que os da fronteira

²⁵ A partir de 1814 substituiu-se, também nos Cânones, o termo sociedade por igreja.

primeiramente mencionada nos Cânones de 1840.²⁶ Uma liturgia para recepção na membresia plena aparece nos Cânones em 1866. Ela segue um modelo anglicano, mas já se encontram alguns dos elementos da liturgia do *Batismo de Pessoas de Idade*.²⁷ Ambas as liturgias definem o necessário conteúdo da fé para ingressar na Igreja Metodista mediante o Credo Apostólico.²⁸ Obviamente temos aqui um paralelo entre os esforços educativos na escola dominical e a introdução de catecismos.

A Igreja Metodista Episcopal, Sul, criou (ainda um ano antes da reunificação com a Igreja Metodista Episcopal), uma recepção para “Crianças e adolescentes”. Diferente do que se encontra em todas as liturgias para a recepção na membresia, permanece aqui menos um acento catequético, mas, novamente mais orto-prático, quando reaparecem as características da membresia probatória.²⁹ A recepção de pessoas, batizados (as) na infância, foi por um bom tempo diferenciada do ritual para membros não batizados. A partir de 1935 recebeu o nome confirmação.³⁰

1.3. No Brasil

Quando o metodismo definitivamente chegou no Brasil, a Igreja Metodista Episcopal passava por grandes transições.

Classes no metodismo brasileiro

Os relatos do início da missão mencionam classes. Nem sempre está certo, se trata-se de *classes* ou classes de escolas dominicais.

A Escola Dominical

Apesar disso, a Escola Dominical foi rapidamente o lugar central da educação cristã. No decorrer dos tempos ela passou por altos e baixos. O último Concílio Geral, em 2001, fortaleceu a Escola Dominical a partir da criação de departamentos independentes no nível da igreja local, ou seja, não mais subordinados à Educação Cristã. Além disso, o Concílio Geral declarou obrigatório o uso das revistas da escola dominical.

²⁶ Let none be received into the Church, until they recommended by a leader with whom they have met at least six months on trial, and have been baptized; and shall on examination by the minister in charge, before the Church, give satisfactory assurances both of the correctness of their faith, and their willingness to observe and keep the rules of the Church. Nevertheless, if a member in good standing in any other orthodox Church shall desire to unite with us, such applicant may, by giving satisfactory answers to the usual inquires, be received into full fellowship. Veja: Book of Discipline, 1840, Chapter II, Section 2, S. 84.

²⁷ “BAPTISM of such as are of riper years: Depois ter escutado o credo apostólico, o/a candidato/a respondeu: *Pergunta*: All this I steadfastly believe; *Resposta*: Wilt thou be baptized in this faith?; *Pergunta*: This is my desire; *Resposta*: Wilt thou then obediently keep God’s holy will and commandments, and walk in the same all the days of the life? *Pergunta*: I will endeavor so to do, God being my helper.” (Methodist Episcopal Church, South, 1846, p. 112-115). Assim quase idêntico com a liturgia da MEC 1894.

²⁸ Que continua sendo bastante aberto...

²⁹ Section IV ¶ 660: *The form of the Reception and Recognition of Children as Members* (Methodist Episcopal Church, 1938, pp. 360 -365).

³⁰ Veja as reflexões sobre a confirmação no contexto luterano em Manfredo Carlos Wachs (1998).

As Federações

Com exceção da *Federação dos Homens*, a instituição das federações continua forte. Faz parte delas promover a evangelização e a capacitação por meio das suas sociedades nas igrejas locais, dos seus encontros distritais, e dos seus congressos regionais e nacionais.³¹

O lugar do Discipulado no metodismo brasileiro contemporâneo

Já faz um certo tempo que se desenvolveram, programas de discipulado não integrados às Escolas Dominicais e não ligados às federações. A Primeira Região Eclesiástica criou uma literatura totalmente dirigida para grupos de discipulado. Outros concentram seus esforços na inclusão de propostas de discipulado na escola dominical. Assim, por exemplo, caminha a Quinta Região Eclesiástica (cf. Beloti, 2000).

Membresia no Brasil

Não se encontra na IM uma liturgia para membresia probatória. Isso se deve ao fato de que a IME, Sul, abandonou a prática de membresia probatória antes da IME. Consequentemente, falta também a distinção entre *membros probatórios* e *membros plenos*.³² Em 1931, uma liturgia foi publicada para recepção de jovens na igreja. (Igreja Metodista do Brasil, 1931, p. 601-605). É uma tradução literal do inglês. Trata-se, de fato, de uma pré-forma de uma liturgia de confirmação, só que ainda a palavra não aparece. Mas este texto não entrou nos Cânones de 1934.

As revisões das respectivas liturgias sobre a recepção aconteceram 1934, 1965 e 1982, ou seja, em datas que correspondem à fase inicial da autonomia da IM, da ditadura, e da abertura democrática. Em 1934 percebe-se uma tendência confessional. A distinção não passa mais pela idade, mas pela confissão da fé. Em vez do *Batismo de crianças* e *batismo de adultos* (cf. Igreja Metodista Episcopal, Sul, 1878, pp. 73-81; 1910, §439 e §440; Ritual 1912, §664 e §665; Igreja Metodista do Brasil, 1931, pp. 589-601) refere-se agora à *crianças* e aos *crentes maiores de sete anos* (Igreja Metodista do Brasil, 1934, Aert. 329 e Art. 330). Em 1965 desaparece o batismo de adultos sem ligação com a recepção como membro. A recepção com batismo chama-se agora *Profissão de fé e batismo*, a recepção de pessoas batizadas na infância chama-se *Confirmação* (Igreja Metodista do Brasil, 1965, Art. 229). A proposta de 1982 (Igreja Metodista, 1982) relaciona as liturgias da confirmação, da assunção de votos e da profissão da fé. Ainda são elementos distintos, mas agora unidos sob uma única liturgia de recepção.

³¹ As mulheres se reuniram, primeiramente, na associação de ajuda para a missão. Veja também como o tema do discipulado foi um assunto nos congressos das federações desse 2001.

³² Entretanto, o reflexo teológico desta distinção permanecia nos Cânones na seção sobre *os Requisitos para Admissão* até 1965. Compare "(...) demonstrar o desejo de fugir da ira vindoura, ser salvo dos seus pecados e viver vida nova, de acordo com os ensinamentos do Evangelho (...)" em *Cânones da IM 1960, art.26/1* com "(...) aceitar Jesus Cristo, pela fé, como seu Salvador pessoal (...)" em Igreja Metodista do Brasil (1965, Art. 15/1).

1.4. Novas propostas no meio da Igreja Metodista e Igreja Metodista Unida.

Apesar da proposta das Federações e da Escola Dominical, houve sempre iniciativas de revitalizar pequenos grupos. Distinguimos aqui propostas mais catequéticas, evangelistas, pastorais ou múltiplas.

Propostas catequéticas

O programa *Discipleship* da Igreja Metodista Unida fornece um treinamento no sentido de uma catequese ampla (bíblia, doutrina, ética, prática, missão). Ele caracteriza-se por muitas lições e exige uma longa permanência dos seus participantes. O curso dedica-se a crentes, mas não exclui totalmente pessoas interessadas na fé.

Propostas evangelistas: Cursos para despertar a fé

Estes programas são projetos ao redor das perguntas centrais e essenciais da fé cristã com o objetivo de convidar para uma decisão pessoal e para iniciar a caminhada cristã. Eles dirigem-se às pessoas interessadas na fé e sem certeza da fé. O estilo catequético é mantido pelas lições, porém, não têm normalmente mais do que 12 lições. Esses cursos existem tanto no meio católico quanto no meio protestante.

Propostas de avivamento

Os programas do tipo *Caminhada de Emaús* dedicam-se a avivar e intensificar a fé.³³ O programa é desenvolvido no prazo de um fim de semana e utiliza diversas dinâmicas para estimular um processo pessoal. Para isso trabalha-se com uma certa dramaturgia que não se dirige predominantemente ao lado racional da pessoa.³⁴

Propostas pastorais individuais

Existe, ao lado dos projetos catequéticos e evangelísticos, um terceiro ramo de acompanhamento de pessoas na busca do amadurecimento da sua vida, a *orientação espiritual* (*Spiritual Guidance*). Pode-se falar aqui de um acento pastoral em vez de catequético, por que a pessoa está no centro da proposta. Ela trabalha muito mais a partir da realidade espiritual e necessidade vital do indivíduo e acompanha de perto as suas escolhas e os seus projetos. Parece-nos que de longe, o programa de *Companheiros de Jugo* do Dr. Elton Trueblood (1949) representa algo parecido (apud Lazier, 1999, p. 16).

Propostas comunitárias (I): grupos de koinonia

³³ Este "Walk to Emmaus", criado em 1978 e promovido pelo Upper Room, é uma adaptação do movimento "Cursilio" da Igreja Católica (cf. Schuler, 2002, p. 102).

³⁴ A diferença entre encontros de tipo *Caminhada para Emaus* e de tipo *G12* não está tanto na sua estrutura, mas na sua cosmologia implícita.

Elton Trueblood influenciou também Robert A Raines (1961). Ele enfatiza que a igreja deve ter estruturas para facilitar “conversão dentro da igreja” (p. 73ss). Conversões acontecem “em koinonia” (p.65ss), e passam por fases – “acordar” (p. 31ss), “decidir” (p. 38ss) e amadurecem através de crescimento (p. 47ss). Consequentemente, a estratégia inclui a criação de “Grupos de Koinonia” (p. 78ss), na expectativa, de que a “nova criação na igreja” “mudará vidas” (p. 88ss) e que “Emergirá o ministério leigo” (p. 103ss). Claramente encontram-se aqui elementos da tradição metodista americana, à qual o autor pertence. Os papéis distintos das *classes* e *bands* fundiram-se num só, o grupo de koinonia serve para conversão e para o amadurecimento. Temos aqui uma proposta que novamente pronuncia a importância do coletivo. O grupo alvo fica mais em aberto, a proposta concentra-se mais na dinâmica.

Propostas comunitárias (II): Grupos de responsabilidade mútua (cf. Renders, 2000, p. 6-7).

A proposta de David Low Watson parte das Regras Gerais, suas obras de misericórdia³⁵ e seus atos³⁶ da piedade. Originalmente, João Wesley enfatizava o crescimento numa fé que atua em amor e que se alimenta pelas ordenanças de Deus.³⁷ David Low Watson³⁸ ressaltou a importância do grupo para apropriação da espiritualidade metodista em *Espiritualidade Protestante* (1986, 217-273) como a (!) característica metodista. Em *Discipulado Responsável* (Watson, 1984), a motivação de David L. Watsons é profundamente pastoral; em *Discipulado de Aliança* (Watson, 1989, p. 78) e em *Deus não fecha a porta antes do tempo* (Watson, 1991) ele propõe uma versão contemporânea das *Regras Gerais*, sendo fiel aos desafios atuais e às contribuições tradicionais, propondo a “Testemunhar Jesus Cristo no mundo, e seguir os seus ensinamentos através de atos de compaixão, justiça, cultos e devocionais na liderança do Espírito Santo.” (Watson, 1984, p. 78).

A vantagem desta aproximação quádrupla ao discipulado é muito parecida com a proposta do Quadrilátero³⁹: Ela nos ajuda a manter o equilíbrio, firmando as quatro dimensões da nossa caminhada com Jesus numa tensão saudável. Assim nós não caímos tão rapidamente num dos erros mais sutis da vida cristã, fortalecendo o que já está forte em nós, seguindo as nossas preferências. É tão fácil esquecer que nós embarcamos numa viagem espiritual, na qual

³⁵ Wesley chamou as obras da misericórdia do mesmo jeito meios da graça como os atos da piedade. Veja as sermões: XIV, I, 13; XXIV, IV, 4; XXVI, Introdução 2 e II.; XLIII, III, 5; XLVIII, II, 6; LXXXIV, III, 5; LXXXV, II, 4; LXXXVII, II, 18; XCII, II, 4+6, III, 9.10; XCVIII, Introdução, 1; CII, II, 4. Anota-se que são textos escritos depois de 1766. Eles pertencem a sua “terceira fase”, que se caracteriza pela busca do equilíbrio na tradição da vida média anglicana.

³⁶ Usamos a terminologia do metodismo brasileiro. Wesley falou somente de “obras”, D. L. Watson fala de “atos”.

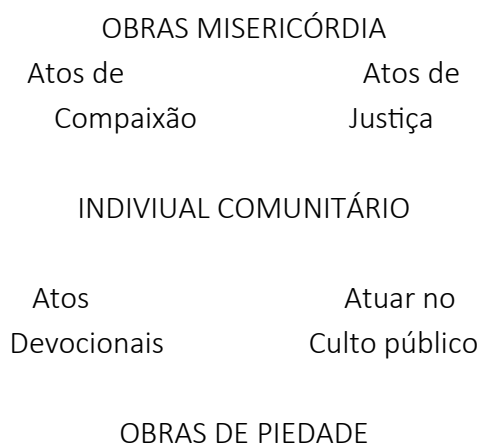
³⁷ Wesley baseou-se em Mt 6.1-15; veja: Sermão XXVI, Introdução 2 e II. David Ponciano Dias (1999, p. 20), preserva a integridade mas inverte a ordem.

³⁸ Inglês, Professor no Wesley College, Washington D.C. Desenvolveu a sua proposta em cooperação com o Board of Discipleship da Igreja Metodista Unida.

³⁹ O autor refere-se aqui à versão da Igreja Metodista Unida (cf. Klaiber & Marquardt, 1999, pp. 7-36 e 61-62). A versão brasileira inclui a Criação. Na revista *Em Marcha*, 1999 – 2º quadrimestre, p. 44-62, não menciona mais o termo *quadrilátero*, mas apresenta os cinco elementos da versão brasileira.

precisaremos superar uma grande quantidade de resistência pecaminosa, seja em nós, seja ao nosso redor. A tentação é ficar onde estamos, saborear os benefícios, negligenciando as nossas obrigações (Watson, 1989, p. 79).

Assim, a sua proposta é mais ampla do que a proposta original, integrando o aspecto público e social ao lado do aspecto privado e pessoal e o aspecto comunitário ao lado do aspecto individual:



A forma do encontro

Grupos de até 12 pessoas definem por um ano o compromisso pessoal perante Deus numa *Declaração da Aliança*. Os/As participantes prometem cuidar e estimular um ao outro a crescer na aliança com Deus considerando todas as partes. Por exemplo:

Velemos uns para com os outros para estimularmos as seguintes obras de misericórdia e os seguintes atos de piedade: Contribuir _____ (horas) na semana pelos atos de compaixão atendendo as necessidades imediatas do nosso próximo; Participar numa iniciativa _____ (tipo) para promover a justiça e cidadania, etc.; Orar e ler a Bíblia _____ (frequência); Participar nos cultos e estudos bíblicos e atividades missionárias _____ (frequência). Deus nos abençoe a fim de podermos discernir qual é a vontade dele, o que é bom, agradável e perfeito.

Os encontros são geralmente semanais, no máximo, quinzenais. Neles, os/as participantes falam das suas experiências, de avanços e lutas no crescimento, nas quatro áreas indicadas. Eles/as procuram motivar uns aos outros através de conversas, troca de experiência, oração, intercessão, bênção, reflexão e estudo bíblico numa forma mútua, comunitária. Como o grupo comprometeu-se por um ano, os/as participantes também irão atrás dos membros ausentes. Depois de um ano o grupo define novamente a continuação, a *Declaração de Aliança*, a participação, etc.

2. Análises: Caraterísticas locais e transições da Inglaterra para os EUA e dos EUA para Brasil

Primeiro temos que, esclarecer uma dúvida a respeito da distinção entre *sociedades* ou *classes*. Às vezes, elas são vistas como algo idêntico.⁴⁰ Para o metodismo inglês isso não se comprova; porém, encontra-se no metodismo norte-americano algo parecido.^{41,42} Vimos que “pequeno grupo” é uma constante no metodismo, seja na forma da *classe*, da classe da Escola Dominical ou de grupo nas Sociedades e nas Federações,⁴² porem, que ele sofreu significantes transformações.

2.1. A transição da Inglaterra para os E.U.A.

Percebe-se que nem o metodismo original manteve por muito tempo a sua diversidade grupal e desativou as *bands* a partir de, aproximadamente, 1780. As *bands* não chegaram aos E.U.A. como experiência vital; mas isso não significou que a santificação teria desaparecido junto com esse tipo de grupos. O sistema de classes ficou vivo no metodismo inglês até a metade do século e, passo a passo, perdeu força até a virado do século XIX para o século XX. Assim também nos E.U.A. onde as classes desaparecem no final do século XIX. A sua substituição pela Escola Dominical trouxe mudança na dinâmica dos grupos, que passou da ênfase oral para a ênfase letrada. Isso complicou a comunicação com populações não letradas. Em seguida, a membresia passou menos pela ortopraxia e mais pela ortodoxia. Também a santificação, este grande tema do metodismo, tornou-se paralelamente um assunto mais intelectual e doutrinário e menos vivencial.

O que chama a atenção é que, mesmo assim, muitas classes existiam ainda bem além de 1866. Será que uma das razões era a sua dinâmica distinta da dinâmica da Escola Dominical? Mas, as classes finalmente desaparecem também nos E.U.A. Isso aconteceu justamente quando o movimento de santificação pegou força, usando classes e congressos como seus meios preferidos. Será que a razão está no distanciamento de classes sociais de tal forma que não se precisava mais da forma oral? Será que a criatividade das classes perdeu a sua dinâmica relativamente aberta com a proposta mais unilateral e individualista do movimento da santificação? Fato é que também o movimento de santificação não manteve classes além da virada do século.⁴³

⁴⁰ “[Wesley] Colocava os membros do movimento em grupos menores chamados de “sociedades” ou “classes” (cf. Lazier, 1999, p. 14-16). ibidem. Em *Como desenvolver um grupo e discipulado*. Marcos 3. 13-15, in: Tu, Porém... Reflexões para pastores/as e líderes, IV Região Eclesiástica da Igreja Metodista, Ano III – No 04 – junho/ 2001, p. 1; e Colégio Episcopal, 2001, p. 13.

⁴¹ Cf. Coke & Asbury, 1798: Aqui fala-se de *selected societies* em vez de *selected bands*. Mesmo assim, não se trata de *classes*.

⁴² Poder-se-ia perguntar até que ponto o culto teria sido realmente, em todos os tempos, o ponto central de cada sociedade ou igreja metodista.

⁴³ Bispo Nelson faz a ligação entre os grupos de discipulado e a santificação (Veja LEITE, A Escola Dominical, 11). O porquê da sua rejeição ainda não é assunto de debate, se não for meramente explicado como expressão da decadência do metodismo.

2.1. A transição dos E.U.A. para o Brasil

O metodismo norte-americano chega ao Brasil na primeira fase alta do movimento da Escola Dominical. A idéia da caminhada transforma-se na idéia de desenvolvimento e o progresso passaria pela educação oferecida pelas instituições e igrejas locais.⁴⁴ As missões da Igreja Metodista Episcopal, Sul, diferente do que as igrejas de origem da Igreja Metodista Episcopal (Norte), não incorporaram mais a distinção entre membresia probatória e membresia plena.

Aspetos litúrgicos

As significantes mudanças litúrgicas aconteceram, então, antes da implantação permanente do metodismo no Brasil. Depois houve, se baseando nos textos escritos, por muito tempo, somente pequenas adequações. O maior desafio está no questionamento do batismo infantil e na falta do uso do ritual.

A Visualização do processo e dos momentos da fé

Apesar das diferenças, os elementos do batismo de crianças e da confirmação visualizam momentos de uma caminhada, ou seja, em conjunto, um processo da fé. No caso do batismo acontecer junto com a profissão de fé, destaca-se mais um momento. Em ambos os casos, a recepção é o grande momento na vida cristã.⁴⁵

As limitações da herança litúrgica

O processo da fé, liturgicamente dito, para por aí. Não se expressa, não se celebra nas liturgias oficiais a ortopraxia, a caminhada na busca do amadurecimento, a santificação, comunicando o processo contínuo da fé. A confirmação e a profissão de fé destacam a ortodoxia; não o testemunho contínuo da fé, mas um (único) testemunho verbal, em público, garante a admissão e a permanência. Isso sublinha, por um lado, a primazia da graça sobre a obra humana. Por outro lado, pergunta-se: Não haveria possibilidade de expressar liturgicamente o processo da santificação sem cair num legalismo ou moralismo?

O desafio da prática da confirmação

Quando a confirmação está ligada a uma idade temos, por exemplo, o desafio de que o(a) adolescente nem sempre está pronto(a) a testemunhar sua fé. A respeito do acesso aos grupos de discipulado — aqui entendidos por um momento, meramente como grupos de “crentes” — pergunta-se se a confirmação representaria um pré-requisito suficiente. O problema poderia ser resolvido em três formas:

⁴⁴ As missões metodistas, de origem inglesa, ainda transmitiram o sistema de classes. Por isso encontra-se em muitas igrejas metodistas da África até hoje..

⁴⁵ A herança de duas membresias, membresia probatória e plena, também comunicou o caráter processual da fé.

- A catequese acontece somente com pessoas interessadas e prontas para a recepção;
- A catequese é oferecida numa certa idade, mas nunca terminaria automaticamente com a confirmação;⁴⁶
- A confirmação exige de uma pessoa algo diferente do que
 - a profissão da fé.⁴⁷

Em todos os casos, o conteúdo e os prazos de catequese precisam ser mais esclarecidos.⁴⁸

Práticas litúrgicas não oficialmente ritualizadas

Temos que, também, incluir em nossas reflexões as práticas litúrgicas comuns, porém não formalmente definidas.⁴⁹ Uma das práticas mais comuns é hoje a prática de abençoar, presente numa rica variedade. Talvez seja a busca e prática da benção pessoal a expressão mais significativa da religiosidade popular metodista de hoje.⁵⁰ Ao lado disso, temos hoje uma redescoberta do êxtase (louvor), a criação de um novo sacramento (olho ungido), em fim, a busca de orthopathia.

2.2. A proposta de grupos de discipulado

A dinâmica dos grupos

Destaquei como diferentes regiões eclesiais encaixam, de forma diferente, a questão do treinamento de pessoas convertidas. A diferença programática, porém, não significa necessariamente novas formas: As versões da quinta e da primeira região eclesial

⁴⁶ Assim a prática da Igreja Metodista Unida na Alemanha na qual a catequese não termina com a confirmação, mas com um culto festivo. Depois, a pessoa que passou pela catequese pode – em qualquer momento menos neste culto, pedir a admissão. Assim se rejeitou uma membresia automática. Na Alemanha, isso significa que a igreja tem um grande grupo de amigos das igrejas, que não são membros.

⁴⁷ O caminho tomado pela Igreja Metodista Episcopal, Sul, em 1930.

⁴⁸ A tarefa foi delegada ao Colégio Episcopal. Veja as Normativas do *Ritual da Igreja Metodista*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1990, p. 9 e “Normativas para a Celebração de Cerimônias do Ritual e Outras”, estabelecidas pelo Colégio Episcopal da Igreja Metodista no dia 8 de novembro de 2001, seção IV, 3.2. O respectivo texto é idêntico.

⁴⁹ O “Ritual para Unção com Óleo” atende parcialmente a esta demanda. Apesar disso, o uso do conceito “unção” não é esclarecido na Igreja Metodista. Deveria ser esclarecida a diferença entre ordenação (clérigos(as), consagração (originalmente somente para ministérios leigos, hoje também para pastores) e unção. O conceito de “unção” é positivamente lido, um conceito profético e, por causa disso, tendencialmente subversivo e anti-institucional.

⁵⁰ Teologicamente sofrem as igrejas tradicionais, ainda, uma infeliz subordinação do espírito vivificador ao espírito salvador.

são profundamente catequéticas, e não trabalham a dinâmica original das *classes*, ou seja, um encontro de troca de experiência^{51.52}

Bispo Nelson afirma que o discipulado seria futuramente responsável para a doutrinação (catequese) e a escola dominical para a capacitação, o treinamento e o equipamento para os diversos ministérios. Isso não foge do acento catequético, porém, ele usa a palavra-chave *treinamento*⁸⁶ para a Escola Dominical (Leite, 2001, p. 9) Num primeiro olhar, ele parece usar *doutrinação e catequese* no sentido de *orientação inicial*. Só que, logo em seguida, lê-se

O DISCIPULADO BUSCA ALGO MAIS DO QUE SER UM MERO PROCESSO EDUCATIVO. Ele é um estilo da vida. Esse estilo de vida houve em Cristo Jesus e sua comunidade apostólica e Wesley vivenciou essa mesma realidade na dinâmica da vida cristã presente em sua comunidade primitiva metodista. Dessa forma o processo de santificação tornou-se de alcance relacional, pessoal e social (Leite, 2001, .pp. 10-110).

E, realmente, “vivenciar” seria para mim a pista mais promissora para descrever o papel dos pequenos grupos tanto no passado quanto no presente.

A composição dos grupos

A distinção, por João Wesley entre grupos compostos por pessoas com a certeza da fé e, no mesmo momento, por pessoas na busca da fé e grupos compostos somente por pessoas de fé, é contemplada, na distinção de Paulo Lockmann entre *fazer discípulos e discipular* (Lockmann, 1999, p. 17, 18) e na distinção de Josué Lazier entre *seguir e discipulado* (Lazier, 1999, p 13). Infelizmente aparece isso não no programa de discipulado que somente atende pessoas convertidas. A minha pergunta é: um programa de pequenos grupos não seria desenvolvido da melhor forma a partir de um programa integral de educação cristã? Neste caso precisa-se esclarecer mais o nosso entendimento de doutrinação, catequese, capacitação e treinamento em sua ligação com as tarefas de fazer discípulos (*classes*) e amadurecer discípulos (*bands*).

O objetivo dos grupos

A novidade não está, exatamente, no pequeno grupo em si. O pequeno grupo caracteriza também tanto a vida na Escola Dominical como nas Sociedades. A diferença da proposta dos grupos de discipulado está na concentração em preparo missionário. Se isso significará uma redução de temas com concentração em técnicas missionárias ou uma leitura de todos os aspectos da vida numa perspectiva do Reino de Deus, precisa-se esperar.

⁵¹ Os manuais do discipulado da 1a região eclesiástica e da 5a. região eclesiástica têm concepções parecidas. Veja: Paulo Lockmann e Zélia Constino (1997; 1999); Ely Eser Bareto César (2000; 2002).

⁵² Nota-se a diferença entre “Erfahrungsstunde” [hora de (troca de) experiência] e Christliche Unterweisung (Educação Cristã) na tradição metodista alemã.

3. Propostas para desenvolver o trabalho com pequenos grupos hoje

3.1. Trabalhar a partir da arquitetura eclesiológica real

A eclesiologia soteriológica, ou a arquitetura eclesiástica da Igreja Metodista deve-se a uma prática missionária e soteriológica anterior. Os grupos de discipulado representam em relação a isso uma proposta nova, cujas implicações eclesiológicas precisam ser estudadas.⁵³

3.2. O lugar da Educação Cristã, da Catequese e do Evangelismo na estrutura atual

Na minha avaliação, tanto a doutrinação inicial como a doutrinação contínua (catequese) pertencem à Escola Dominical. A capacitação, o treinamento e o equipamento para os diversos ministérios seriam tarefa das Coordenações da Educação Cristã em cooperação com as diversas Confederações Federações. Os *grupos de discipulado* seriam o lugar para vivenciar o entendido na busca de uma disciplina maior. Isso seria tanto possível para despertar quanto para nutrir a fé.

A distinção de dinâmicas

A igreja diferenciaria as dinâmicas desses grupos das outras propostas catequéticas, tanto quanto possível. Assim, usaria para os grupos de discipulado a dinâmica de Watson, ou seja, uma forma mais oral e mútua.

A criação de novas designações

Seria adequado pensar em nomes próprios para destacar especialmente o caráter mútuo dos grupos metodistas. Poderíamos chamá-los *Grupos de Koinonia* (comunhão) e *Grupos de Poimênica* (apoio mútuo).⁵⁴ Melhor ainda seria uma linguagem realmente missionária, ou seja, menos eclesiástica. Nomes como *Grupo de Entrada (Grupo Inicial)* e *Grupo de Apoio e Crescimento*⁵⁵ seriam talvez mais transparentes para pessoas fora da igreja.

3.3. Aspectos litúrgicos

Parto, em seguida, da convicção, de que só é devidamente integrado na igreja o que é expresso na liturgia formal ou informal da igreja local.

A recepção na igreja cristã

⁵³ Muitas Igreja que aplicaram o programa G12 mudaram também a sua estrutura radicalmente.

⁵⁴ Eu devo esta proposta ao rev. Anderson Salgado Campos. O paralelo com Raines (1961, p. 78-82) é coincidência.

⁵⁵ Talvez seja também interessante *Grupos de Serviço* no sentido que o seu alvo é o preparo para o serviço ao povo, não o acúmulo de experiências para com Deus a parte disso.

A liturgia metodista destaca o batismo de crianças como a recepção na igreja invisível, quando os pais – ou um parente – estão na condição de acompanhá-las.

A recepção na Igreja Metodista

Para o ingresso na própria Igreja Metodista, temos, na história, quatro propostas:

- a) a membresia probatória contínua;
- b) a distinção entre uma *membreria probatória* e uma *membreria plena*;
- c) a distinção qualitativa entre *confirmação* e *profissão de fé*;⁵⁶
- d) a concentração numa forma só.

Sem optar para um conceito específico, favoreço formas que sinalizam a primazia da graça sobre as vidas de cada um. A igreja, como espaço da graça, deve sinalizar o acolhimento incondicional por Deus. Isso é a grande mensagem das propostas “a” a “c”, que na proposta “d”, está em perigo de ser esquecida.

O caminhar na fé como propósito contínuo

Na minha avaliação, precisa-se desenvolver uma linguagem litúrgica para a vida cristã depois da recepção. Uma *prática de bênção* devidamente refletida e realizada poderia ajudar a visualizar uma igreja da caminhada. A bênção é primeiramente uma ação de pedido de proteção em momento de transição.⁵⁷ Poderíamos propor liturgias alternativas para abençoar pessoas em diversas fases da caminhada cristã. Também poderia se pensar em mais cultos de aniversários (batismo, da membresia, da liderança de um certo ministério). Nesse tipo de retrospectivas fala-se automaticamente da caminhada, dos altos e baixos; sobretudo, da graça.

Liturgia da renovação da aliança com Deus: Esta liturgia pronuncia profundamente justificação e santificação, graça divina e resposta humana, atividade divina e colaboração humana. Mas, nota-se que ela somente serve para pessoas convertidas. *Do “Culto de Adoração e Pregação da Palavra” para o “Ágape”*: Acredito que a idéia integral e mútua de pequenos grupos precisaria de uma referência no culto da igreja local. A ágape seria o equivalente ao culto hoje de dons e ministérios, incluindo também o aspecto diaconal e solidário.⁵⁸

⁵⁶ Assim a proposta da Igreja Metodista Episcopal, Sul em 1930.

⁵⁷ Quanto mais sacerdotal o auto entendimento da pessoa que abençoa, tanto mais será uma proclamação.

⁵⁸ Veja propostas e literatura em Helmut Renders (2000, pp. 10-11; 2001, pp. 10-11). Estes artigos são sínteses de Helmut Renders (2001).

Considerações finais

Destaquei como a característica dos pequenos grupos na tradição metodista a dinâmica oral e mútua como suporte de uma visão mais processual da caminhada da fé. O seu acento ortoprático e festivo, com seus fortes traços de tipo grupo de suporte, representava um ambiente acolhedor acessível às populações marginalizadas. Percebeu-se aqui que o analfabetismo, vidas alienadas e deformadas pela injustiça e brutalidade da época não mais representava um círculo vicioso sem saída. Desses grupos saíram grandes sindicalistas e grandes evangelistas, fato em que mostra o seu amplo potencial transformador.

Referências bibliográficas

Belloti, E. C. S. (1999). Mini Curso: Escola Dominical: Espaço para maturidade cristã, in: Igreja Metodista. *A Escola Dominical em uma Igreja Missionária* (pp. 34-48). Agentes da Missão.

César, E. E. B. (ed). (2000). *O que uma pessoa metodista é, sabe e faz? Manual para a confirmação, profissão da fé e a assunção de votos*. Coleção Dons e Ministérios. Programa Agentes da Missão. Piracicaba: Editora Agentes da Missão

César, E. E. B. (ed). (2002). *Manual para a confirmação, profissão da fé e a assunção de votos*. Coleção Dons e Ministérios. Programa Agentes da Missão. 2ª ed. Piracicaba: Editora Agentes da Missão.

Coke, T & Asbury, F. (1798). *The Doctrine and Discipline with Explanatory Notes by Thomas Coke e Francis Asbury*. Philadelphia: Henry Tuckness.
<https://wesleyscholar.com/wp-content/uploads/2019/01/Doctrine-Discipline-Methodist-10th-ed-1798.pdf>

Colégio Episcopal da Igreja Metodista (2002). *O Caminho do discipulado: de Jesus a nós*. Biblioteca Vida e Missão. Coletânea Metodismo, no 3. São Paulo: Editora Cedro.

DIAS, D. P. (fev. 1999). Atos de Piedade e Obras e Misericórdia; *Expositor Cristão*, p. 20.

Egreja Metodista Episcopal, Sul (1878). *Compêndio da Egreja Metodista Episcopal, Sul*. Editado por: J. J. Ranson. Rio de Janeiro: Typographia de D.M. Hazlett.

Egreja Metodista Episcopal, Sul (1910). *Ritual da Egreja Metodista Episcopal, Sul*. Rio de Janeiro: [s.e.].

Heitzenrater, R. P. (1996). *Wesley e o Povo Chamado Metodista*. São Bernardo do Campo / Rio de Janeiro: Editeo / Pastoral Bennett.

Heitzenrater, R. P. (1995). *Wesley and the people called Methodists*. Nashville, TN: Abingdon Press.
<https://archive.org/details/wesleypeoplecall0000heit>

Hudson, H. T. (1888). *The Methodist armor: or, a popular exposition of the doctrines, peculiar usages, and ecclesiastical machinery of the Methodist Episcopal Church, South*. Nashville, TN: Publishing House of the Methodist Episcopal Church, South, <https://archive.org/details/methodistarmor0000huds>

Igreja Metodista (1932). *Conselho Geral, Comissão Geral de Liturgia. Culto de recepção de novos*

Igreja Metodista (1934). *Cânones da Igreja Metodista do Brasil*.

Igreja Metodista (2001). *Plano Nacional: objetivos e metas*. São Paulo: Editora Cedro

Igreja Metodista do Brasil (1931) *Alleluias! Compiladas e adaptadas para Igrejas Evangélicas*. São Paulo: Imprensa Metodista,

Igreja Metodista do Brasil (1965). *Cânones da Igreja Metodista do Brasil*. São Bernardo do Campo, SP: Imprensa Metodista.

Klaiber, W. & Marquardt, M. (1999). *Viver a Graça de Deus: compêndio da teologia metodista*. São Bernardo do Campo: Editeo.

Klaiber, W. & Marquardt, M. (1991). *Gelebte Gnade : Grundriss einer Theologie der Evangelisch-methodistischen Kirche*. Stuttgart: Christliches Verlagshaus. [Edição alemã do original] <https://archive.org/details/gelebtegnadegrundr0000klai/page/n5/mode/2up>

Lazier, J. A. (1999). Discipulado: seguimento e pastoreio em grupos pequenos. *Caderno Kairos: Estudos Bíblicos Pastorais* 1(2), 15-16.

Leite, N. L. C. A (2001). *Escola Dominical e o Discipulado*.

Lockmann, P. & Constantino, Z. (1997). *Seguir a Cristo. Manual de Discipulado*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Pastoral Bennett. (3a. edição)

Lockmann, P. & Constantino, Z. (1999). *Seguir a Cristo. Manual do discipulado II*, Rio de Janeiro: Pastoral do Bennett.

Mattis, P. A. (2000). *Mais um Século de Educação Metodista*. Piracicaba, SP: COGEIME.]

Maya, A. (2001). *O papel da Escola Dominical no Metodismo brasileiro*. Palestra no Congresso Nacional da Escola Dominical, 28 a 30 de abril de 2001;

Methodist Episcopal Church & Methodist Episcopal Church, South (1905). *The Methodist Hymnal. Official Hymnal of the Methodist Episcopal Church and the Methodist Episcopal Church, South*. Cincinnati und New York: Jennings & Graham / Eaton Mains. <https://archive.org/details/methodisthymnalo00meth/page/n7/mode/2up>

Methodist Episcopal Church, South (1846). *The Doctrines and Discipline of the Methodist Episcopal Church, South*. J. Early (Ed.), Louisville: MEC, S Publishing House.

Methodist Episcopal Church, South (1938). *The Doctrines and Discipline of the Methodist Episcopal Church, South*. Smith (Ed.), Nashville Tenn., Dallas, Tex., Richmond, Va.: Publishing House Methodist Episcopal Church, South.

Miley, J. (1851). *Treatise of Class meetings*. Introduction: T. A Morris. Cincinnati: Printed at the Methodist Book Concern for the author.

<https://archive.org/details/treatiseonclassm00miley>

Raines, R. (1961). *New Life in the Church*. New York e Evanston: Harper and Row.

https://archive.org/details/bwb_Y0-CGY-953

Renders, H. (2001). *Einen anderen Himmel erbitten wir nicht. Urchristliche Agapen und methodistische Liebesfeste*. Stuttgart: Medienwerk der Evangelisch-methodistischen Kirche.

Renders, H. (abr. / maio 2000). Crescendo na aliança com Deus, de forma mútua e Íntegra. Os Pequenos Grupos numa Perspectiva Metodista. *Mosaico* 8(17), 6-7.

Renders, H. (ago./set. 2000). Celebrando a Aliança de Deus Conosco (Parte I): Da Ágape da Igreja Primitiva até as Festas do Amor no Metodismo Wesleyano, *Mosaico: Apoio Pastoral* 8(18), 10-11.

Renders, H. (jan./mar. 2001). Celebrando a Aliança de Deus Conosco (Parte II): Da Ágape no Metodismo Norte-Americano para uma Nova Proposta Brasileira, *Mosaico: Apoio Pastoral* 9(20), p. 10-11.

Rocha, I. (1974). Kidder, Daniel Parrish (1815-1891), in: N. B. Harmon. *Encyclopedia of World Methodism* (pp. 1331-1332). United Methodist Publishing House

<https://archive.org/details/encyclopediaofwo01harm/page/n5/mode/2up>

Row, K. E. (1997). Redesigning Methodist Churches: Auditorium-Style Sanctuaries and Akron- Plan Sunday Schools in Romanesque Costume 1875-1925, in R. E. Richey; D. M. Campbell; W. B. Lawrence. *Connectionalism. Ecclesiology, Mission and Identity*. United Methodism and Culture Vol. 1. (pp. 117-134). Nashville, TN: Abingdon Press

S. N. (1999). *Em Marcha: Metodismo Origem e Desenvolvimento*, 2º quadrimestre. São Bernado do Campo, SP: Imprensa Metodista.

Schuler, U. (2002). Crusade for Christ, *Theologie für die Praxis* 28(1-2), 99-114.

Wachs, M. C. (1998). *O Ministério da Confirmação. Contribuição para um método*. Série Teses e Dissertações Vol. 12, São Leopoldo: Sinodal.

Watson, D. L. (1984)., *Accountable discipleship*, Nashville, TN: Discipleship Resources.

<https://archive.org/details/accountabledisci0000wats>

Watson, D. L. (1989). *Covenant Discipleship. Christian through mutual accountability*, Nashville, TN: Discipleship Resources.

<https://archive.org/details/covenantdisciple00wats>

Watson, D. L. (1992). *The Early Methodist Class Meeting*, Nashville, TN: Discipleship Resources.

https://archive.org/details/isbn_9780881710755

Wesley, J. (1744). *Directions given to the Band-Societies december 25, 1744*.

Wesley, J. (1738). *Rules of the Band-Societies*. 17. Dez. 1738.

<https://archive.org/details/rulesofbandsocie468wesl>

Wesley, J. (1872). *Works of John Wesley*. Editor: Jackson. 14 volumes.

<https://archive.org/search?tab=all&query=Works+of+John+Wesley>.